

4.12.2001

Luis António Verney, *Verdadeiro Método de Estudar*, Valença, 1746. [Anonym veröffentlicht, Erscheinungsort Valença gefälscht. Verlagsort war Italien, was Verney verschleiern wollte]

(1) E, na verdade, **o primeiro princípio de todos os estudos deve ser a Gramática da própria língua**. A razão por que nos parece tão dificultoso o estudo da Gramática Latina (além de outros motivos que em seu lugar direi) é porque nos persuadimos que toda aquela máquina de regras é particular da língua latina, e não há quem nos advirta quais são as formas particulares dessa língua, a que chamam *Idiotismos*, quais as comuns com as outras. Se a um rapaz que começa explicassem e mostrassem, na sua própria língua, que há Verbo, Caso, Advérbio etc. etc.; que há formas particulares de falar, de que se compõe a sintaxe da sua língua; se, sem tantas regras, mas com mui simples explicações, fizessem com que os principiantes reflectissem que, sem advertirem, executam as regras que se acham nos livros, e isto sem género algum de preceitos, mas pelo ouvirem e exercitarem; seguro a Vossa Paternidade que abríamos os olhos por uma vez, e entenderiam as coisas bem, e se facilitaria a percepção das línguas todas. (33f.)

(2) Isto suposto, e compreendendo em pouco o muito que outros escrevem nesta matéria, digo que os Portugueses devem pronunciar como pronunciam os homens de melhor doutrina da Província de Estremadura; e, posto isto, **devem escrever a sua língua da mesma sorte que a pronunciam**. Esta é uma singularidade da língua portuguesa, que só se acha nela, na italiana e na castelhana, ainda que esta tenha sua variedade. (Ponho de parte a latina, que é morta). Daqui fica claro que devem desterrar-se da língua portuguesa aquelas letras dobradas que de nada servem: os dois *SS*, dois *LL*, dois *PP*, etc. Na pronúncia da língua, não se ouve coisa alguma que faça dobrar as ditas consoantes. Que se escreva *Terra*, *Perra*, com dois *rr*, entendo eu a razão [...]. Mas em *Elle*, *Essa*, é coisa supérflua; porque, ou tenha um, ou dois *ss*, sempre se há-de pronunciar da mesma sorte. **Nas línguas mortas, faço escrúpulo de mudar uma letra; mas, nas vivas, em que nós temos todo o poder e uso, quando a boa pronúncia não ensina o contrário, são supérfluas as repetições.** (45f.)

(3) [...] Deste meu parecer são muitos Portugueses de boa doutrina com quem tenho conversado nesta matéria, os quais não podiam sofrer que, sendo a pronúncia a regra da Ortografia, **ainda assim houvessem homens prezados de doutos, que embrulhassem a Ortografia, com a preocupação de quererem seguir a derivação e origem.** (48)

(4) Daqui vem que, ainda que *Filosofia*, *Triunfo* etc, na sua origem tivessem o *ph*, contudo hoje, que são palavras portuguesas, não só adaptadas pelos doutos, mas de que indiferentemente se servem todos, devem-se escrever com simples *f* (57).

(5) **Quanto aos nomes que ainda não estão em uso por todos**, mas que sòmente usam, ou para melhor dizer, algumas vezes se servem deles os literatos, deve-se praticar outra regra. Se são nomes (falo dos latinos, gregos, hebreus etc) de coisas pertencentes a Artes ou Ciências, parece-me que se devem escrever com as suas letras originais; v.g. se quisermos explicar ou escrever os nomes pertencentes à Anatomia, que são todos gregos, segundo o estilo do Português, escreveremos palavras que se não entenderão; e, assim, **é melhor seguir a derivação grega.** (58)

(6) Onde, seguindo a ordem do Alfabeto, deve-se desterrar o G de Madalena etc. Pelo contrário, deve conservar-se em Significar, Magnifico etc, porque na pronúncia se exprime (61).

(7) Não posso sofrer que o Bluteau, na sua Prosa Gramatonómica, queira introduzir, no princípio das palavras portuguesas, o S antes de consoante, e escrever Squeleto, Spasmo, Scena, Sciencia etc. Esta correcção é tão fora do escólio, que **nenhum Português, que não seja latino, saberá pronunciar aquele s no tal lugar** [...] (75).

(8) Mas o que me dá mais vontade de rir é ver as cautelas que praticam para dizerem Porco. Uns dizem o Gado mais asqueroso; outros dizem Carne suína, e louvam muito isto em alguns antigos escritores. Tudo puerilidades. **Porco não é palavra obscena; dizem-na os Latinos; e os nossos Italianos diante do Papa.** Antes creio que asqueroso traz à memória, não só coisa suja, como o porco, mas coisa que volta o estômago. **Estas delicadas orelhas pronunciam sujidade, escremento, lesmas, ratos, percevejos, piolhos, pulgas, e outras coisas imundíssimas sem dificuldade; e acham-na grande em pronunciar Porco.** Que lhe parece a Vossa Paternidade a esquipação? (103f.)

(9) Finalmente, devo advertir a V. P. que estes seus nacionais, ainda falando, pronunciam mal muitas letras no meio; mas principalmente nos fins das dicções. V.g. e final, pronunciam como i, como em De-me, Pos-me etc. Todo o o final acabam em u, v. g. em Tempo, Como, Buxo etc, cujos nomes quem quer pronunciar à portuguesa deve acabar em u. Todo o m final, e no meio, como n. Todo o e antes de a, no meio da dicção, pronunciam como se fosse um tritongo, v.g. Ceia, Veia, que pronunciam Ceia, Veia, não obstante que na escritura comumente não ponham o i. (105)

(10) Seria uma ignorância manifesta e afectação indesculpável falar hoje com muitas palavras de que usaram os antigos Portugueses. E isto, não por outra razão, senão **porque a língua se foi purgando, e os homens mais capases entenderam que se devia falar de outra maneira. E se isto se pratica com inteiras palavras, por que o não praticaremos com melhor pronúncia?** Além disto, é já coisa muito antiga que o uso e juízo dos homens doutos e de boa eleição decida neste particular. (110f.)

(11) E este é o maior defeito que eu acho naquele Dicionário; porque não ensina a falar bem Português, como o da nossa Crusca, que não tem senão o que é puro Toscano, e nota às vezes o que é antigo, ou poético etc. Sei que alguma diversidade se acha; porque os nossos autores que fazem texto são os que escreveram em um século determinado; e assim **tudo o que é moderno, entre nós é bárbaro. Pelo contrário, a língua portuguesa, como há pouco tempo que começou a aperfeiçoar-se, não pode excluir tudo o que é moderno.** Contudo, **deveria o P. Bluteau não abraçar senão os autores que falaram melhor, vg desde o fim do século passado para cá; ou encurtar mais o tempo. E ainda nesses, que talvez não serão iguais em tudo, escolher o que é mais racionável**, e não tudo o que aportuguesaram alguns destes, prezados de eruditos, que por força querem introduzir uma mistura de Português com Latim. **Temos o exemplo da Academia Francesa, a qual, no seu Dicionário, não pôs as vozes plebeias e antigas, mas as puras e que hoje falam os homens cultos** (132).